

CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA E O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE L2

Luana Anastácia Santos de Lima

Universidade Federal da Paraíba-UFPB (luana_lima18@hotmail.com)

Resumo: Neste artigo, temos como objetivo principal refletir sobre pontos primordiais relacionados à importância da consciência fonológica para o processo de ensino-aprendizagem de uma segunda língua (L2), enfatizando que a consciência fonológica e o processo de aquisição de L2 são dois processos indissociáveis e que atuam em favor do aprendiz que está em processo de maturação de um novo sistema linguístico, além de salientar os aspectos que serão mais relevantes nesse processo, sobretudo, à luz da Sociolinguística Variacionista, bem como apresentar parte dos trabalhos desenvolvidos nesta perspectiva. Neste panorama, buscamos ainda destacar a relevância da atuação do professor em despertar o aprendiz, de modo que ele perceba determinadas particularidades de ambos os sistemas linguísticos e reconheça os obstáculos existentes neste processo, configurando-se, portanto, como peça fundamental na aprendizagem de uma L2. Para tanto, procedemos uma pesquisa de caráter teórico-metodológico a fim de ecoarmos as vozes de autores como Alves (2009) e Littlewood (1984) os quais tecem uma breve reflexão sobre a consciência fonológica e os mecanismos de manipulação e ensino que permeiam esse processo e permitem que o falante da L2 possa operar sobre o novo código linguístico que está sendo estruturado em sua mente. Nos utilizamos, ainda, dos conceitos de Collischonn (2003), Labov (2006 [1968]), Tarone (2007), Schneider (2009) e Lucena & Alves (2009; 2010) para discutir sobre questões acerca da Sociolinguística Variacionista e sua aplicação em estudos envolvendo o processo de aquisição de L2, ressaltando a relação entre as variáveis sociais e as características de produção da língua ou interlíngua do aprendiz. Para finalizar, serão expostas as considerações finais, seguidas das referências bibliográficas.

Palavras-Chave: Consciência Fonológica. Sociolinguística Variacionista. Ensino-aprendizagem de L2.

INTRODUÇÃO

Cada vez mais, tem sido atestada a importância da consciência fonológica no processo de aquisição da linguagem, sobretudo de Segunda Língua, doravante L2. Isso porque tem-se comprovado que adquirir um novo sistema linguístico se torna mais simples quando se demonstra uma certa consciência do processo fonético-fonológico que ocorre, da estrutura do código que se está aprendendo e dos fenômenos que podem estar envolvidos neste processo.

Pode-se afirmar que ainda é escasso o interesse por trabalhos que se debruçam sobre a consciência fonológica, relacionados ao processo de aquisição de linguagem, sobretudo, aquisição de uma L2, as quais são temáticas consideradas relativamente novas no âmbito dos estudos linguísticos.

O interesse acerca da aquisição de L2 se deu, inicialmente, através da contribuição de psicolinguistas, sendo mais tarde expandido para áreas como a Sociolinguística, por exemplo. No

que concerne a questão da consciência fonológica, o interesse inicial se deu pela área de língua materna, despertando, posteriormente, o interesse na área de língua estrangeira.

Nessa perspectiva, o presente artigo tem como objetivo discutir e levantar alguns pontos sobre a importância das significativas contribuições da fonologia, em específico da consciência fonológica para o processo de ensino-aprendizagem de L2, visando destacar os aspectos mais relevantes nesse processo, sobretudo, com o auxílio da Sociolinguística Variacionista, bem como parte dos trabalhos desenvolvidos nesta área.

1. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA

De forma geral, entende-se *consciência fonológica* como uma habilidade do ser humano de refletir conscientemente sobre os sons da fala (ALVES, 2009). Esta habilidade desenvolve-se mediante a capacidade de reflexão que o indivíduo matura ao longo de sua vida como mecanismo de reconhecimento das estruturas fonológicas da língua.

No que tange ao processo de ensino-aprendizagem de uma L2, a consciência fonológica envolve as capacidades de reconhecimento, reflexão e distinção do sistema sonoro da língua-alvo, com a finalidade de auxiliar o falante a manipular melhor o sistema linguístico da L2 e lidar com as diferenças dos sons distintivos, isto é, levar o falante a perceber as diferenças e semelhanças entre sons existentes em sua língua materna e na língua-alvo.

Nessa perspectiva, os estudos existentes neste sentido revelam que a consciência fonético-fonológica e o processo de aquisição de L2 devem ser considerados como dois processos indissociáveis e que, unidos, atuam em favor do aprendiz que esteja adquirindo uma nova língua (ALVES, *op. cit.*). Segundo o autor, esse processo, portanto, só é viabilizado através do desenvolvimento de atividades que envolvam a instrução explícita, de forma a ajudar o aluno a notar e sistematizar os aspectos fonético-fonológicos da L2, por meio de um ensino explícito dos detalhes dos aspectos supracitados da L2.

Porém, para que esse processo ocorra satisfatoriamente, é necessário levar o falante-aprendiz a uma reflexão sobre o sistema alvo, sobretudo, do sistema sonoro que o compõe, reflexão esta a qual é denominada *consciência fonológica*. De acordo com Alves (2009, p. 33), “o termo consciência fonológica remete a uma capacidade de reflexão, caracterizando uma habilidade de análise e julgamento consciente do estímulo auditivo”.

O desenvolvimento desta capacidade em L2 confere ao aprendiz a habilidade em lidar com elementos do novo sistema que está aprendendo, diminuindo consideravelmente a ocorrência de erros/desvios que, por ventura, prejudiquem o desempenho do aprendiz em L2. Além disso, esta capacidade permite que o aprendiz realize produções o mais próximo possível do nativo.

Todavia, não se pode perder de vista que os erros são importantes neste percurso, haja vista que são eles os responsáveis por levar o aprendiz a criar estratégias e empregá-las durante o processo de aquisição da L2, buscando maturar e internalizar sistematicamente o novo código.

Nessa perspectiva, aconselha-se instigar o aprendiz a perceber o que há de semelhante durante as aulas de língua e, principalmente, o que há de diferente nos sistemas sonoros da L1 e da L2, para que assim possa dar conta de estratégias criativas para lidar com as formas que lhes representem problemas. Estes problemas decorrem, sobretudo, da transferência da L1 para a L2 fazendo com que o aprendiz processe oralmente elementos da L2 como pertencentes à L1.

Esta percepção dos elementos sonoros da L1 e da L2, bem como de suas semelhanças e diferenças, constitui um pré-requisito para a produção do falante-aprendiz. Alves (2009, p. 204) advoga que “é preciso um estranhamento por parte do aprendiz frente a tais diferenças. Em outras palavras, as diferenças entre ambos os sistemas sonoros precisam ser notadas pelo aprendiz, para que elas então possam ser manipuladas”.

De forma geral, entendemos que para que tal processo ocorra, é necessário que o aprendiz receba *inputs* a respeito da diferença entre os sons da L1 e da L2, isto é, o aprendiz de L2 deve ser exposto a particularidades do sistema sonoro de ambas as línguas. O *input* recebido funciona como um dispositivo para ativar a reflexão e todos os outros processos que levam à manipulação, que, por conseguinte, levam à consciência fonológica da estrutura de ambos os sistemas – L1 e L2. Assim, espera-se que o aprendiz possa ser capaz de produzir *outputs* que poderão ser, ou não, mais próximos de uma produção nativa, dependendo do nível e da dificuldade que o mesmo apresente.

Para a manipulação do sistema da língua alvo, parte-se do pressuposto de que o aprendiz dispõe de um modelo de construção criativa já existente a partir da sua L1, através do qual processa mecanismos internos em direção ao aprendizado da L2. Geralmente, esse modelo pré-existente ocasiona alguns problemas, sobretudo de pronúncia, decorrentes do processamento dos sons da L2 como se fossem os mesmos da L1.

Estes mecanismos, por sua vez, permeiam o processo de construção criativo desenvolvido pelo aprendiz que, como bem mostra Littlewood (1984, p. 21), recai sobre a

transferência das regras da língua mãe (L1), funcionando como estratégia ativa para construir sentido na comunicação na língua alvo (L2). Esses processos devem ser trabalhados com os educandos durante o período de ensino da língua, para que o aprendiz possa diminuir este efeito de um sistema no outro, à medida que ele reelabora seu nível de proficiência.

Vale salientar que tais mecanismos e estratégias remontam dois termos-chave no campo da consciência / aquisição fonológica de L2, sendo esses *reflexão* e *manipulação*. Segundo Alves (*op. cit.*, p. 205), “reflexão implica notar o inventário de sons da língua-alvo, e, por conseguinte, as diferenças entre os sistemas de sons da L1 e da L2 [...]. Já o termo manipulação das unidades sonoras da L2 significa *operar* sobre os sons da língua a ser adquirida [...]” (grifo do autor).

Para o referido autor, é nesse momento que o aprendiz cria e estabelece diferenças fonético-fonológicas existentes entre a L1 e a L2, podendo interpretá-las como um fator de dificuldade em apreender o novo código e tomando consciência de que, como consequência disso, sua produção pode afastar-se, em algum momento, da nativa.

Todavia, chegando a esse grau de consciência dos sons da língua em meio ao processo ensino-aprendizagem, o aprendiz constrói uma ponte, na qual ele parte de um primeiro estágio – produção com resquícios da L1, até um segundo estágio – produção semelhante à nativa ou o mais próximo possível, isto é, onde há o acréscimo de novas categorias perceptuais às categorias prototipicamente estabelecidas. Nesse momento, o falante terá maturado o sistema da L2, podendo operar tais categorias sem grandes processos de interferência.

A explicação de Alves (2009, p. 239) para essa tendência do aprendiz é que “[...] à medida que os sons da L1 começam a ser adquiridos tem-se a formação de novas categorias prototípicas. Na aquisição da L2, deve-se considerar que os padrões de sons da língua materna já se mostram bastante arraigados”. Daí decorre a dificuldade do aprendiz em criar novas categorias prototípicas para os sons da L2 e em separar funcionalmente as categorias de sons das duas línguas, haja vista que a tendência mais forte e fácil, nesse caso, é transferir os padrões da L1 na aquisição de L2.

Em suma, esse é o processo que ocorre ao se obter a consciência dos aspectos fonético-fonológicos de um novo sistema linguístico que se está adquirindo. A importância, portanto, de ter a consciência da existência desses aspectos para o indivíduo que está adquirindo um novo código, caracteriza-se como um artifício primordial no aprendizado de L2, já que esse seria um dos requisitos mínimos para que, de fato, ocorra a aquisição.

Não obstante, para chegar a este estágio, é imprescindível a participação do professor na sistematização desse processo, evidenciando para os aprendizes o papel da consciência fonético-fonológica do sistema da língua alvo como um aspecto inerente à aquisição de um novo código. De forma categórica, afirmamos que esta é uma peça fundamental no ensino de uma língua.

A este respeito, como mostra Alves (2009), além da importância da consciência fonológica, a participação do professor em despertar o aprendiz, de modo que ele perceba determinadas particularidades da língua e reconheça os obstáculos existentes neste processo, é fundamental para a aprendizagem de uma L2.

Ellis (*apud* ALVES, 2009, p. 258) corrobora esta perspectiva afirmando que:

[...] a intervenção pedagógica constitui um meio de levar o aluno a notar os detalhes da forma a serem adquiridos, o que possibilita a formação de um conhecimento explícito acerca de tal detalhe. A formação desse conhecimento de caráter explícito pode exercer efeitos benéficos na aquisição [...].

Para tanto, é necessário que durante as aulas, o professor tenha recursos diferenciados para a implementação de determinados *inputs* acústicos, para que o aprendiz amadureça o processamento dos sons da L2.¹

Assim sendo, a consciência do aspecto fonológico configura-se como um dos fatores primordiais para a aquisição do sistema linguístico, e que poderá acontecer, dentre outros níveis, no nível silábico.

2. ABORDAGEM SOCIAL APLICADA À AQUISIÇÃO DE L2: uma perspectiva variacionista

A Sociolinguística, em sua abordagem variacionista, é conhecida como Teoria da Variação Linguística, Sociolinguística Variacionista, Sociolinguística Quantitativa, ou ainda como Sociolinguística Laboviana, tendo como principal estudioso, o americano William Labov (LABOV, 1975; LABOV *et al.*, 2006 [1968] e 2008 [1972]), o qual desenvolveu essa teoria como uma espécie de reação à ausência do componente social no modelo gerativo. Labov (*op. cit.*) insistia na relação entre língua e sociedade e revelava, através de seus estudos, outras dimensões da realidade

¹ Geralmente, os *inputs* de que os professores se utilizam são figuras, como uma espécie de recurso visual, com diferentes fonemas para ilustrar a pronúncia. Assim, facilita-se o processo de identificação por parte do educando. No entanto, apenas mencionamos este processo a título de informação e não entraremos em detalhes a esse respeito. Para mais informações, cf. Alves (2009).

heterogênea da língua, que até então não tinham sido levadas em consideração nos estudos linguísticos (TARALLO, 1990, p. 7).

Uma vertente, entre tantas outras, muito propícia a dialogar com a Sociolinguística, nesse contexto de variação, é a área de Aquisição da Linguagem, a qual tem buscado compreender os processos aquisicionistas dos indivíduos, sobretudo aqueles relacionados à L2. A esse respeito, Tarone (2007, p. 838) esclarece que a abordagem sociolinguística nos permite estudar o impacto de fatores sociais em processos de aquisição de um novo sistema linguístico. Dessa forma, a abordagem sociolinguística aplicada à aquisição de L2 (SLA) busca explicar a relação entre as variáveis sociais e as características de produção da língua ou interlíngua do aprendiz.

Neste sentido, a Sociolinguística tem contribuído cada vez mais na orientação de estudos sobre questões de uso, aquisição/aprendizado de língua estrangeira em determinados contextos específicos, enfatizando, sobretudo, processos de aquisição fonológica, apesar de haver, relativamente, poucos trabalhos nessa área (COLLISCHONN, 2003; PEREYRON, 2008; SCHNEIDER, 2009; LUCENA & ALVES, 2009; 2010).

Bayley & Lucas (2007, p. 1) afirma que abordagens variacionistas têm estabelecido parcerias teóricas bem sucedidas com estudos de aquisição de L2, onde fatores sociais e linguísticos são detalhadamente analisados, o que mostra que o entrosamento de ambas as áreas tem se mostrado bem produtivo para os estudos que as têm como teorias norteadoras.

Esse entrosamento teórico entre Sociolinguística/Variação e Aquisição de L2 demonstra ter em comum o fator social interligando-as, de forma a buscar compreender, com maior rigor, que teor social há em processos de aquisição da linguagem.

Ré (2006, p. 119) advoga, nesta perspectiva, que não há como desconsiderar a abordagem sociolinguística aplicada à análise do processo de aquisição de língua estrangeira, uma vez que esta abordagem reflete mais uma perspectiva no desenvolvimento de estudos que buscam entender os processos que envolvem a aquisição de uma L2.

Vale salientar que o interesse acerca da aquisição de L2 se deu, inicialmente, através da contribuição de psicolinguistas, sendo mais tarde expandido para áreas como a Sociolinguística, entre tantas outras. Porém, a princípio, os estudos² desenvolvidos neste sentido eram voltados para a área das Linguísticas Aplicadas dos anos 1950 e das Psicologias, influenciados, a priori, pelas teorias Behavioristas e Vygotskianas, respectivamente (RÉ, 2006, p. 101).

² Destacamos, neste sentido, os estudos de Skinner (1957) e Vygotsky (1988).

A aquisição de uma L2 sempre foi considerada um processo complexo, o qual envolve vários fatores. De acordo com Cook (1993, p.2), durante este processo, a pessoa está lidando com duas línguas, onde o conhecimento de duas gramáticas, i. e., de dois sistemas linguísticos, está presente na mesma mente tornando-se mais difícil de ser manipulado pelo aprendiz e facilitando, portanto, a influência de um sistema no outro.

Essa influência é caracterizada, na área da Aquisição da Linguagem, como interferência, processo este concebido também por alguns estudiosos como a transferência³ de traços de um sistema linguístico para o outro. No caso da aquisição de L2, ocorre a transferência de traços fonológicos da L1 para a L2 que o indivíduo está adquirindo.

Selinker (1992, p. 207) aponta que essa transferência de elementos da língua materna na aquisição de uma L2 é um dos fenômenos mais estudados no campo de aquisição. De acordo com o referido autor, o papel da L1 do falante, neste contexto, é de extrema importância para a estrutura da interlíngua que o falante constrói. Na verdade, ele funciona como um processo cognitivo de seleção onde algumas estruturas são mais passíveis de ser transferidas que outras.

É importante ressaltar que essa influência que ocorre da L1 na L2 é quase que inevitável, pois a L1 caracteriza-se como um sistema constitutivo de um indivíduo falante, o qual se configura como base da estruturação psíquica deste indivíduo. Este sistema, por sua vez, é evocado pelo aprendiz durante o processo de aprendizagem de uma L2, já que, ao longo do desenvolvimento de uma segunda língua, são essas bases que solicitamos, e nelas que se encontram os indícios de nossa língua materna.

Tais bases cognitivas são solicitadas consciente ou inconscientemente, quando o aprendiz percebe que alguma coisa na língua materna é semelhante ou idêntica à língua alvo, ocorrendo, então, a transferência de um sistema fonológico para o outro. Em palavras mais simples, consiste na ampla projeção do sistema da L1 na L2 (COOK, 1993, p. 11).

De forma geral, a transferência da L1 na aquisição fonológica da L2 é um fenômeno que ocorre sistematicamente e, no qual a L1 do indivíduo emerge inevitavelmente, seja de forma clara ou atenuada, na interação do falante, o que evidencia que é quase impossível ignorar a presença de vestígios da L1 na produção em L2 desse aprendiz.

É justamente esta transferência o fator responsável pela produção da interlíngua, sendo responsável, portanto, por alguns “erros”⁴ que os aprendizes cometem ao tentar se comunicar

³ Neste trabalho, ambos os termos serão interpretados como sinônimos.

⁴ No presente artigo, a terminologia “erro” será tratada como sinônimo de desvio.

na L2. Além disso, este processo representa, também, uma espécie de estratégia desenvolvida pelo próprio aprendiz para sanar dificuldades ligadas a deficiências linguísticas encontradas na L2, relacionadas, sobretudo, a estruturas não reconhecidas na L1.

Ré (2006, p. 87) enfatiza, a esse respeito, que a característica sistemática desses erros tem uma espécie de estrutura própria, não tendo, portanto, relação nem com a L1 nem com a L2 do indivíduo, e, por vezes, acaba sofrendo estigma, sendo, portanto, considerado como negativo. No entanto, tem-se chegado a um consenso geral de que o “erro” é significativamente positivo, não devendo o falante-aprendiz sofrer penalizações ou punições. A falha ou erro caracteriza-se como uma espécie de vestígio de um processo cognitivo que nos orienta em direção às hipóteses do aprendizado, e, portanto, para seu trabalho ativo de apropriação.

Ellis (1997, p. 19) ratifica esta perspectiva ao atestar que os erros não são apenas sistemáticos, sendo, muitos deles, porém não todos, universais em alguns aspectos. É inegável que as produções dos aprendizes, as quais apresentam indícios de transferência da L1 na L2, seguem uma sistematicidade, não podendo, portanto, ser considerada totalmente “erro”. Em outras palavras, as produções do aprendiz não devem ser consideradas como uma sequência de formas enganadas e incoerentes, mas como uma produção que apresenta uma sistemática subjacente, mesmo quando não apresenta erros (RÉ, 2006, p. 87, 88).

Estes “erros” acabam por dar origem a um “fenômeno” conhecido no campo da aquisição, como *interlíngua*, a qual se caracteriza como uma espécie de língua intermediária usada pelo indivíduo para estabelecer a comunicação em uma língua diferente da sua língua materna.

O referido termo foi introduzido por Larry Selinker (1972) para “referir-se ao conhecimento sistemático da língua, o qual é independente de ambos os sistemas de L1 e L2 que o falante está tentando aprender” (ELLIS, 1986, p. 42). Portanto, interlíngua representa uma produção que não se assemelhará com nenhum dos sistemas supracitados, desenvolvendo-se como uma espécie de fala criativa.

Esta produção criativa compõe um processo que pode ser descrito como uma espécie de terceiro sistema linguístico, criado estrategicamente pelo próprio aprendiz, a fim de fazer com que os dados da L2 façam sentido para ele.

Como mostra Tarone (2007), esse fenômeno funciona, na realidade, como um sistema linguístico evidenciado quando um aprendiz de L2, sobretudo adulto, procura expressar sentido nessa língua que está sendo aprendida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do estudo empreendido neste trabalho, fica evidente o quão produtivo é o entrosamento teórico entre consciência fonológica e o ensino de L2, a partir de uma perspectiva variacionista.

No presente trabalho, pode-se perceber que, com o auxílio da consciência fonológica, aspectos da aquisição da L2 podem ser suavizados, tais como a interferência/transferência da L1 na L2 e o conceito de “erro”, que passa a ser considerado como um fenômeno natural e positivo, pelo fato de constituir uma ponte para a produção nativa.

Outro fator importante que foi possível verificar na discussão teórica aqui apresentada, é o suporte dado pela consciência fonológica, no que diz respeito ao auxílio na percepção dos sistemas sonoros, a fim de levar o falante a perceber semelhanças e diferenças entre ambos os sistemas linguísticos.

É certo, que o presente trabalho é apenas um recorte teórico do que as referidas áreas abrangem e das possibilidades de pesquisas existentes, buscando acrescer aos que já trazem suas contribuições a tais áreas. Porém, muito se tem a pesquisar e discutir neste sentido, para que possamos ter uma gama maior de trabalhos para colaborar com as questões levantadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Ubiratã Kickhöfel. Consciência dos aspectos fonéticos/fonológicos da L2. In: LAMPRECHT, Regina Ritter [*et al.*]. *Consciência dos sons da língua: subsídios teóricos e práticos para alfabetizadores, fonoaudiólogos e professores de língua inglesa*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

BAYLEY, Robert; LUCAS, Celi. *Sociolinguistic Variation: theories, methods, and applications*. New York: Cambridge University Press, 2007.

COLLISCHONN, Gisela. *Epêntese vocálica no português do Sul do Brasil: variáveis extralinguísticas*. In: Revista Letras. N. 61, especial. Curitiba: Editora UFPR, 2003, p. 285-297.

COOK, Vivian. *Linguistics and Second Language Acquisition*. London: The Macmillan Press, 1993.

ELLIS, Rod. *Understanding Second Language Acquisition*. Oxford: Oxford University Press, 1986.

_____. *The study of Second Language Acquisition*. Oxford: Oxford University Press, 1997.

LABOV, William. *Language in the inner city*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1975.

_____; WEINREICH, Uriel; HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

_____. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno; M^a Marta Pereira Scherre & Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LUCENA, Rubens Marques de; ALVES, Ubiratã Kickhöfel. *Influência do dialeto materno na aquisição de inglês (L2): o caso das obstruintes em posição de coda*. Letra Viva, v. 9, p. 19-33, 2009.

_____. *Implicações dialetais (dialeto gaúcho vs. paraibano) na aquisição de obstruintes em coda por aprendizes de inglês: uma análise variacionista*. Letras de Hoje, v. 45, p. 35-42, 2010.

PEREYRON, Letícia. *Epêntese vocálica em encontros consonantais mediais por falantes porto-alegrenses de inglês como língua estrangeira*. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

RÉ, Alessandra Del. *Aquisição da linguagem: uma abordagem psicolinguística*. São Paulo: Contexto, 2006.

SCHNEIDER, André. *A epêntese medial em PB e na aquisição de inglês como LE: uma análise morfofonológica*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

SELINKER, Larry. *Rediscovering interlanguage*. London; New York: Longman, 1992.

SKINNER, B. F. *Verbal behavior*. New York: Appleton-Century Crofts, 1957.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 3 ed. São Paulo: Ática, 1990.

TARONE, Elaine. *Sociolinguistic approaches to second language acquisition research*.
Modern Language Journal-91, 2007.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.